

## Eduardo Lourenço e a análise da ideia de *Razão* em António Sérgio

Romana Valente Pinho<sup>1</sup>

“Sérgio, e essa foi a sua coragem e a sua glória, recusou-se a qualquer neutralidade, colaborante ou não, tanto sobre o plano da acção como do pensamento. A sua obra é uma obra de combate, herdeira do primeiro Antero e de algum Oliveira Martins. Aqui reside o segredo da sua influência, de algum modo mais eficaz que a de ambos – ao menos sob o plano ideológico – por mais coerente e sistemática. (...) De algum modo, o seu reino foi o do *impossível* que ele soube apresentar como o possível, por essa passagem quase fatal que liga o *ser* ao *dever ser*. Sérgio foi um utopista. Não o dizemos nem para o censurar, nem para nos dessolidarizarmos imaginariamente dele. Sob a nossa pluma é o supremo elogio. Ao realismo da aceitação do inaceitável preferiremos sempre a luta pelo ainda não possível e até pelo impossível. O mais profundo sentido do *idealismo* de Sérgio vive desta inspiração e por isso deve e merece viver em nós e integrar-se na linha de cumes que ele idealizou mas sem os quais a nossa marcha não tem sentido. O nosso urgente dever continua sendo o de pensar com o máximo de clareza e na suposição de que se a razão não move o mundo *deve* movê-lo”.

Eduardo Lourenço, *Sérgio como mito cultural*

Sensivelmente dois meses depois da morte de António Sérgio, a 24 de Janeiro de 1969, Eduardo Lourenço publica, na revista *O Tempo e o Modo*, o artigo *Sérgio como mito cultural*<sup>2</sup>. O que o autor de *Heterodoxia* pretende é discutir criticamente não só o papel que Sérgio representou para a cultura portuguesa na primeira metade do século XX, bem como o pendor do seu polemismo, do seu racionalismo e do seu ensaísmo.

Quem era e o que representava António Sérgio, no fim de contas, para Eduardo Lourenço nesse início de Primavera marcelista?

Um mito cultural, de facto? Um ensaísta incomum? Um polemista inveterado?

O que significava o racionalismo crítico defendido pelo homem da *Seara Nova*, no ver de Lourenço, para a cultura portuguesa e para os estudos filosóficos em Portugal?

Se conseguirmos responder a todas estas questões, talvez consigamos deslindar o real propósito de Lourenço quando publicou *Sérgio como mito cultural* em Março de 1969.

<sup>1</sup> É membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e mestre e doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou as obras *Religião e Metafísica no pensar de Agostinho da Silva* (IN-CM, 2006) e *O Essencial sobre Agostinho da Silva* (IN-CM, 2006).

<sup>2</sup> LOURENÇO, Eduardo. Sérgio como mito cultural. *O Tempo e o Modo*: Revista de Pensamento e Acção. Lisboa, n.ºs 69-70, Março-Abril de 1969, pp. 250-260.

No nosso ponto de vista, tal artigo, para além de se constituir enquanto análise estrita da ideia de *Razão* no autor dos *Ensaaios*, é, igualmente, uma avaliação mais generalizada das veras condições formais e epistemológicas que compunham o cenário intelectual português do início do século até aos seus meados.

A questão que Eduardo Lourenço coloca prende-se, afinal, com a relação que Sérgio estabeleceu entre o seu polemismo e o seu ensaísmo. Na sua perspectiva, o ensaísmo do ilustre seareiro era resultado do uso de um instrumento formal – a polémica – muito bem engendrado. É nesse sentido que Lourenço afirma que António Sérgio criou um outro conceito ou um outro tipo de ensaio. De igual modo, é seguindo essa mesma concepção que o autor de *Sérgio como mito cultural* defende que a ideia de *Razão* exposta pelo homem dos *Ensaaios* é um fruto muito directo dos seus polemismo e ensaísmo. Até porque, na sua visão, tal ideia não é nada de original, é até muito comum na sua época, sobretudo entre os pensadores neo-kantianos dos países do centro europeu. A favorecê-la, todavia, está a orientação e a entonação que Sérgio lhe concedeu: racionalismo enquanto missão espiritual e enquanto misticismo.

Se, *a priori*, a noção do racionalismo sergiano (mesmo que visto como idealismo realista) parece aproblemática; se a construção da sua epistemologia se dá *negativamente* (pela rejeição do sensível – se bem que não seja necessariamente assim); se não compreendeu, na integralidade, alguns pensadores do seu tempo, como seja o caso de Henri Bergson, por exemplo; porque é que António Sérgio é, ao fim e ao cabo, um mito cultural? Apenas porque a sua capacidade de polémica era exímia? Porque a sua estruturação discursiva e a sua clareza de pensamento e escrita eram indiscutíveis? Ou porque não existiam contraditores à sua altura? Ou será ainda que, só por si, a recusa da neutralidade e a sua coerência formal e subjectiva bastavam para Eduardo Lourenço o denunciar enquanto mito cultural? Mas será que a expressão *mito cultural* não é depreciativa, em certo sentido, e não está associada a uma imagem errada que alguns fizeram da figura e da obra de António Sérgio? Há pelo menos uma resposta que pode ser dada logo à partida e sem grandes demoras: a mitificação do ensaísta (ou da sua postura intelectual) está indiscutivelmente relacionada com a sua ideia de *Razão*.

A leitura que Lourenço faz da figura e da obra de António Sérgio é isenta, ou seja, é desapaixonada, limpa, própria de quem, como ele, não se reconhece nem enquanto discípulo nem enquanto detractor do ensaísta. Neste caso, portanto, torna-se mais fácil de acompanharmos a argumentação que culminará na afirmação “Sérgio como mito cultural” e que está dependente da análise da ideia sergiana de *Razão*.

Para António Sérgio, o seu racionalismo é um postulado, é um dado absoluto, de tal modo que, quase inocente e infantilmente, chega a confessar, em certo artigo da *Seara Nova*, que “se nunca tivesse havido racionalistas, o primeiro racionalista teria sido eu; o racionalismo, em mim, não é uma teoria que eu adoptei, mas uma maneira de ser com que nasci”<sup>3</sup>. Ora, assunções desta natureza, aliadas à própria teoria do conhecimento que o autor dos *Ensaaios* defende em quase toda a sua vida, acabam por convencer Eduardo Lourenço de que “em si mesma, a concepção de razão segundo António Sérgio – e por conseguinte o seu específico racionalismo – nada tem de profundamente original”<sup>4</sup>. Sobretudo porque é típico da sua época, é um neo-kantismo que abundava nas escolas da Europa, cujas características, todavia, Sérgio não adoptou completamente. Se o racionalismo de um Paul Natorp, de um Ernst Cassirer ou de um Jules Lachelier são de natureza sistemática ou até problemática (no sentido em que surge como resposta ou interrogação a um problema), o racionalismo de António Sérgio não se inscreve integralmente nesta concepção. O que distingue Sérgio, neste ponto, é o seu carácter espiritual e místico, é a sua vertente idealista. Para o autor dos *Ensaaios*, a única realidade que existe é o Espírito; o Espírito universal que, ao manifestar-se na actividade racional de cada ser humano, individualiza-se e torna-se presente em cada um. Ora, a Razão nada mais é do que a força motriz que identifica e universaliza o que é disperso e distinto, é o *Uno-Unificante* que tudo reúne e unifica. Mas, talvez mais do que uma categoria gnosiológica, a Razão é sustentada por Sérgio como missão pessoal e social, como cruzada cultural e filosófica. A célebre proposta da Reforma da Mentalidade refere-se tão-só a uma inversão metodológica, a um bom uso da Razão: “(...) o que eu peço todos os dias aos meus mais jovens compatriotas, não é que abandonem as suas ‘ideias’ (os seus credos, partidos, fés): é, sim, que busquem ser *inteligentemente* (civilizadamente, europeicamente) aquilo mesmo que dizem ser. § Sei (ou julgo sabê-lo) como se barbarizou esta Nação, e [o] que haveria a fazer para a tirar de bárbara; e repito que a reforma mais importante – condição preliminar de todas as outras – é sempre A REFORMA DA MENTALIDADE; e que a disciplina mais necessária para termos a ordem a que todos visamos, não é a disciplina que provém da espada, da ditadura, da realeza ou da polícia, - mas a ordem, a honestidade e a disciplina

---

<sup>3</sup> SÉRGIO, António. Sobre o odioso “eu”. *Seara Nova* – Revista de Doutrina e Crítica. Lisboa, ano XVII, n.º 588, 19 de Novembro de 1938, p. 124.

<sup>4</sup> LOURENÇO, Eduardo. Sérgio como mito cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade*. Psicanálise Mítica do Destino Português. Lisboa: Gradiva, 2000, p. 162.

*intelectuais*”<sup>5</sup>. A Reforma da Mentalidade consiste, pois, numa mudança metodológica, numa primazia a dar à actividade racional, ou seja, como o próprio António Sérgio esclarece: “Numerosas pessoas que nestes últimos tempos se têm dado a repetir a minha divisa: ‘reforma da mentalidade’, lhe atribuem um significado não só diverso, mas até contrário, ao que por essas palavras eu tentei exprimir. O que elas chamam ‘reforma da mentalidade’ é uma substituição no *conteúdo* das convicções; é deixar de acreditar em certos dogmas políticos para acreditar nos dogmas que lhe são opostos. Ora, o que eu quis significar por aquela máxima não é uma modificação no *conteúdo* das crenças, e sim na forma do pensamento dos homens, isto é, a passagem da mentalidade catecismal e dogmática (que se encontra igualmente nos dois campos opostos, entre homens da direita e entre homens da esquerda, entre vermelhos e azuis) para a atitude de espírito indagadora e crítica, - para a do livre exame, para a da correcção incessante, para a da discussão aberta, para a da investigação contínua”<sup>6</sup>.

Para António Sérgio, a Razão é, neste sentido, um ideal, uma missão e uma mística pela qual é necessário lutar, destemida e polemicamente, se preciso for. Qual “cavaleiro da espada de pau”, Sérgio insurgir-se-á contra tudo e contra todos que impedem ou dificultam a florescência e a luminosidade da actividade e da sociedade racional. Deste modo, concordamos com Eduardo Lourenço quando supõe uma relação directa entre o racionalismo e o polemismo do seareiro. Em primeiro lugar porque “como todo o racionalismo, o de António Sérgio é uma forma de voluntarismo e, ironia das coisas, uma paixão. Celebremo-la porque foi nobre e ardente e de alto propósito. Mais do que tudo foi ela formal e subjectivamente coerente como é raro em praias lusitanas”<sup>7</sup>, em segundo porque a polémica é uma forma de valorizar o seu racionalismo. Mesmo que inconscientemente, até porque o ensaísta estava convicto de que “com efeito, devo não esquecer que nasci com uma conformação intelectual contrária à que ganhou moda do meu tempo, e que de aí proveio que a polémica se tornou a própria maneira de ser da minha vida espiritual. Aparecido no mundo no tempo em que por cá apareci, a minha fidelidade à própria inteligência havia de levar-me a este antipático papel de sempre resistir, contrariar e combater, que tem sido o meu destino”<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> SÉRGIO, António. Explicações ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Professor Martinho Nobre de Melo sobre as Doutrinas Morais dos meus *Ensaíos*. Conclusão. *Seara Nova*. Lisboa, n.º 50, 1 de Agosto de 1925, p. 37.

<sup>6</sup> *Idem*. *Introdução Geográfica-Sociológica à História de Portugal*. 3.ª ed. Lisboa: 1976, p. 218.

<sup>7</sup> LOURENÇO, Eduardo, Sérgio como mito cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade*, p. 171.

<sup>8</sup> *Idem*. RÉGIO, José; SÉRGIO, António. *Correspondência* (1933-1958). Apresentação e notas de António Ventura, Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre / Centro de Estudos José Régio, 1994, p. 33.

No entanto, já não partilhamos da opinião de Lourenço quando este afirma que “raramente, António Sérgio abordou qualquer matéria – acontecimento histórico, obra literária ou problema filosófico – *em primeira mão* ou, se se preferir, de face. A sua *démarche* ensaística é suscitada de preferência pela *opinião alheia*, na sua expressão assinada, ou enquanto *vox populi* cultural”<sup>9</sup>. Será que poderemos concordar com tal afirmação quando nos confrontamos com obras como *Notas sobre os Sonetos e as Tendências Gerais da Filosofia de Antero de Quental* (1909), *Da Natureza da Afecção* (1913), *Educação Cívica* (1915), *História de Portugal* (1929), *Diálogos de Doutrina Democrática* (1933), *Democracia* (1934), *Cartesianismo ideal e cartesianismo real* (1937), *Um problema anteriano* (1943), *Cartas do Terceiro Homem* (1953-1957)? Parece-nos que não. De modo que, o “raramente” não é assim “tão raramente”.

Para além do racionalismo e do polemismo sergianos, Eduardo Lourenço discute ainda outra temática fundamental da obra e da figura de António Sérgio: o ensaísmo. Se, de facto, a epistemologia do autor se define enquanto racionalismo crítico, se a metodologia usada por si é de natureza cartesiana, recorrendo amiúde à polémica, a sua forma literária de expressão preferida é, porém, o ensaio. No entanto, o ensaísmo proposto por Sérgio é de natureza diversa, como supõe Eduardo Lourenço quando escreve que “é o autor de *Ensaaios* um autor que propriamente falando nunca escreveu «um» ensaio? Pertence ele, mais do que ninguém, àquela espécie de homens a quem o «ensaio» está vedado? Ou criou Sérgio uma outra espécie de «ensaio»? A resposta é complexa porque se articula, pelo menos, sob duas vertentes, uma sociológica (e temperamental), e outra, anímica e intelectual”<sup>10</sup>. A bem da verdade, Lourenço não responderá objectivamente a essa questão mas, pelas mediações que faz ao longo do texto, concluirá que o ilustre seareiro criou uma outra espécie de ensaio, absolutamente relacionado ao seu polemismo e à sua concepção de Razão. É provável até que o seu ensaísmo, mais do que um meio para expressar as suas convicções, seja uma forma de chamar a atenção para as suas polémicas, para as suas dores, para as suas paixões, para os seus enganos e desenganos. Dizemos *provável* porque não temos certeza quanto a isso, embora Eduardo Lourenço a tenha e a refira ao longo das páginas de *Sérgio como mito cultural*.

---

<sup>9</sup> LOURENÇO, Eduardo, Sérgio como mito cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade*, p. 160.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 160.

Regressemos, todavia, às questões que colocámos logo no início e que podem ser resumidas numa só, ainda que feita de duas maneiras: Porque razão é António Sérgio um mito cultural? Ou, será que António Sérgio é um mito cultural?

Antes de tentarmos responder à questão supra colocada, convém relembrarmos que o autor de *O Labirinto da Saudade* não parece muito interessado em responder afirmativa ou negativamente a essa questão, mas em denunciar um conjunto de argumentos que, no fundo, tem caracterizado o ensaísta enquanto mito cultural por aqueles que deixaram cair o seu misticismo, tornando Sérgio “viático de um racionalismo aceitável e, sobretudo, uma maneira de *não pensar* o que nele era, mesmo se contestável como todos, autêntico e fundado pensamento. Assim, este homem cuja missão confessada era a de fazer «pensar Portugal», por uma certa qualidade do seu próprio pensamento, mas mais ainda pelas condições particulares do nosso meio cultural, acabou por se converter no álibi daqueles que o não pensam. Sérgio pensava por nós, logo dispensava-nos de pensar. Em resumo, e pelas razões que no nosso arrazoado se deduzem, Sérgio volveu-se em *mito cultural*, singular destino para um profeta e apóstolo da autonomia pensante e da dúvida metódica. Traíram os discípulos o mestre?”<sup>11</sup> Mas, para além daqueles que valorizaram o seu socialismo e o seu racionalismo matematizante, esquecendo-se do seu misticismo e da sua missão espiritual, e o tornaram num mito cultural, ainda é possível, a partir de dados que o próprio Eduardo Lourenço nos fornece neste seu texto, definir Sérgio, senão como mito cultural, pelo menos como homem de excepção. Enunciemo-los, então:

1. António Sérgio era detentor de um polemismo exuberante e apelativo (que “não teve verdadeiros contraditores”<sup>12</sup> à altura)
2. António Sérgio criou um ensaísmo notável, exemplo para várias gerações<sup>13</sup>
3. António Sérgio era dono de uma postura intelectual marcante
4. António Sérgio manifestava uma claridade de pensamento e de escrita<sup>14</sup>
5. António Sérgio tornou-se exemplar no seu discurso popular (demarcando-se “de um discurso universitário arcaizante ou excessivamente abstracto”<sup>15</sup> comum na sua época)

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 167.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>13</sup> *Vf. Ibidem*, p. 167.

<sup>14</sup> *Vf. Ibidem*, p. 166.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 166-167.

6. António Sérgio criou uma filosofia consistente, inteligível, que não era fácil nem da facilidade<sup>16</sup>

7. António Sérgio viveu romanticamente

Compreender toda a argumentação que Eduardo Lourenço congemma em torno da afirmação “Sérgio como mito cultural”, implica perceber, finalmente, a crítica latente que o autor de *Heterodoxia* faz aos discípulos (“se na verdade o são...”<sup>17</sup>, como escreve logo nas primeiras páginas deste seu texto) de António Sérgio ou à *traição que fizeram ao seu mestre*. No fundo, o que Lourenço parece afirmar é que grande parte da obra de Sérgio não foi correctamente assimilada, nem por aqueles que se diziam seus seguidores. Confundiram os seus conteúdos, os seus propósitos, os seus ideais e até a sua metodologia e construíram um Sérgio mitológico. Ignoraram o seu racionalismo místico, a sua poesia, o seu socialismo anterior, a sua crítica literária e até a sua gnosiologia, sobretudo quando a apartaram do sensacionismo, esquecendo-se do que o próprio António Sérgio tinha dito: “Separar o sentimento da inteligência ou o facto da ideia, é uma ilusão na vida e um erro na especulação. O próprio trabalho científico pressupõe um amor e um ideal, ainda que mascarado ou inconsciente. Fazer ciência não é só especular, mas sentir, actuar, produzir”<sup>18</sup>; “Aquela grande lucidez na criação mental, a que costumam chamar «inteligência fria» os que nunca criaram na lucidez mental – essa lucidez, ia eu dizendo, anda sempre unida à emotividade extrema”<sup>19</sup>. Por outro lado, evidenciaram-lhe um racionalismo puro, separado das sensações, das afecções e da emotividade; um socialismo absolutamente republicano, sem quaisquer mediações a serem feitas, quando Sérgio, na realidade, teceu uma crítica contundente à governação da 1.ª República em Portugal<sup>20</sup>; um apostolado invencível; uma postura mítica e superior<sup>21</sup>.

<sup>16</sup> Vf. *Ibidem*, p. 167.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 160.

<sup>18</sup> *Idem*. Notas sobre os *Sonetos* e as *Tendências Gerais da Filosofia*, de Antero de Quental. In: \_\_\_\_\_. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, p. 142.

<sup>19</sup> *Idem*, Cartesianismo Ideal e Cartesianismo Real. In: \_\_\_\_\_. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, pp. 190-191.

<sup>20</sup> *Idem*. *Correspondência para Raul Proença*. Organização e introdução de José Carlos González, Lisboa: Publicações Dom Quixote / Biblioteca Nacional, 1987, p. 38: “Ora eu sempre vi a vacuidade dos nossos chefes republicanos. Para a acção efectiva o homem é a única realidade; a melhor ideia não tem mérito prático algum (isto é, não pode reproduzir resultados bons visíveis) enquanto não encarna num homem bom, num homem de valor para a acção. (...) Num dia em que nós possuímos uma porção de homens de boa vontade, de energia e de competência técnica, capazes de ir reformar e desinfecar os diferentes órgãos do país – Escola, Fábrica, Agricultura, Exército, Burocracia, etc – a revolução está feita, quer o chefe do país use *Dom* ou não use *Dom*”; *Idem*. Sobre a minha colaboração na obra da «Renascença Portuguesa». *Portucale* – Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística. Porto,

Se o propósito de Eduardo Lourenço, no artigo “Sérgio como mito cultural”, é analisar a ideia de Razão e a proposta moral do ideólogo dos *Ensaíos*, cremos que a sua verdadeira intenção supera esse propósito inicial, na medida em que se preocupa em averiguar no que se constituiu, a bem da verdade, o seu polemismo e o seu ensaísmo. Ao agir deste modo, propõe, a si e aos leitores, uma redescoberta de António Sérgio, uma eliminação de tudo o que de artificial cobriu a figura e a obra do seareiro, uma desmitificação do sergismo. Neste sentido, “Sérgio como mito cultural” revelou-se urgente e actualíssimo, não só em 1969, quando o polemista tinha acabado de falecer, mas também ainda hoje, à beira de assinalarmos os 40 anos da sua morte. Se isto nos revela a premência e a percuciência de análise de Eduardo Lourenço, revela-nos, por outro lado, a passividade e o desinteresse que os portugueses, em geral, sentem relativamente pelos seus autores, em específico por António Sérgio (ainda hoje não existe uma edição completa da sua obra). No fundo, ele continua a ser um mito cultural para os pseudo-racionalistas, para os pseudo-socialistas, e um detractor do lusismo para os pseudo-saudosistas. Ora, nenhuma destas leituras é fiel ao legado sergiano e ao homem que, como sublinhou Lourenço, tinha uma funda inspiração platónica e uma grande assimilação do inteligível e do bem<sup>22</sup>.

---

n.º 3, vol. I, Primavera de 1955, pp. 115-123: “Entrando, pois, para a *Renascença Portuguesa* propunha-me trabalhar pela minha ideia: a dar às novas instituições do País um bom conteúdo de reforma positiva, de carácter educativo e económico-social, substituindo o republicanismo emocional e romântico (instintivo, exteriorista, de *expansão*, ou *centrifugo*) por uma boa democracia, reformadora e concreta – isto é, por um regime cultural de autodomínio e autocrítica, de interioridade *centripeta*, de disciplina *racional*, animado de intuítos de reforma económica”.

<sup>21</sup> CARVALHO, J. Montezuma de. *António Sérgio, a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1979, pp. 25-26: “Há homens e homens. O homem Sérgio não levava no temperamento o caricato gesticular do homem de praça pública, repleto de espessa oratória e que só sente criar-se junto da multidão. Preferia levar consigo uns papéis no bolso, puxar deles e lê-los. O improvisado não se conjugava com a sua capacidade de raciocinante. Pelo menos não fazia do improvisado uma segunda natureza. Quando falou aos socialistas no banquete do Primeiro de Maio de 1947 iniciou a sua alocução com estas palavras: - «Puxo da ‘sebenta’ (como estareis observando) para poder ser mais preciso, para poder ser mais breve. Aliás, não se trata, para mim, de discursar com eloquência, mas de alinhar, submetendo-vo-las, certas sugestões bem singelas». Era a sua prática corrente. Porque há intelectuais daquele outro tipo eufórico, escravos do espectáculo. Só perante os outros ganham o estímulo para o despertar da criatividade. Sem público esmorecem. O caso de Leonardo Coimbra (1883-1936) é paradigma desta espécie rumorosa”.

<sup>22</sup> LOURENÇO, Eduardo, Sérgio como mito cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade*, p. 167.